

Histórias sagradas: apontamentos para a leitura escolar

PRISCILA KAUFMANN CORRÊA*

O livro na escola

A seleção de textos e livros para crianças e jovens envolve os educadores todos os dias, havendo uma constante preocupação em oferecer obras que sejam instrutivas e adequadas ao seu público. Recentemente o livro **As caçadas de Pedrinho** se tornou alvo de críticas por conter passagens de cunho racista e preconceituoso, sendo sugerida a sua retirada das instituições de ensino. O debate se estende agora a outros escritos de Monteiro Lobato, questionando o escritor que por muito tempo foi celebrado como o grande criador da literatura infanto-juvenil brasileira.

O tom racista em algumas passagens dos textos de Lobato poderiam parecer naturais em seu tempo, mas não podem mais ser aceitas em uma sociedade que deve buscar pela convivência na diversidade. Por outro lado, a supressão de suas obras das listas de livros e bibliotecas escolares também pode levar à censura desta e de outras obras. Privar os estudantes de publicações em nome do “politicamente correto” empobrece o acesso à literatura e à informação. É preciso atentar para o sujeito que se busca formar, dentro e fora das escolas.

Longe de propor um desfecho para estas discussões, este trabalho se debruça sobre dois livros que compunham o acervo bibliográfico do Colégio Progresso, na cidade de Campinas (SP). O estudo deste acervo permite compreender que a seleção de obras consideradas adequadas e a preocupação com o seu conteúdo não são recentes no contexto escolar. O Colégio Progresso foi fundado em 1900 e destinava-se à educação feminina. Os livros disponibilizados na escola para as alunas eram criteriosamente escolhidos por sua diretora e professoras.

Ao proporem o conceito de forma escolar como um modo diferenciado de socialização, Vincent, Lahire, Thin (2001, p. 18) não ignoram a sua relação com a própria criação da escrita, que permite o registro e o acúmulo da cultura. A edição e

* Mestre em educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, professora do ensino fundamental pela rede municipal de Vinhedo (SP).

impressão de livros auxiliam na difusão da linguagem escrita, selecionando e guardando o conhecimento construído pela humanidade. Por isso mesmo, o acesso à linguagem escrita por meio da leitura poderia tanto contribuir para a formação do leitor, quanto corrompê-lo. Esta última possibilidade é a mais temida e gera discussões, polêmicas e listas de publicações censuradas ao longo dos séculos. Quando a literatura adentra os muros da escola, ela passa por diferentes filtros para chegar às mãos de alunos e alunas. Até mesmo os livros voltados para o ensino religioso carecem deste tipo de seleção, uma vez que são voltados para os jovens fiéis que devem tomar parte de sua comunidade religiosa com as mesmas crenças.

Ao investigar o ensino religioso no Colégio Progresso Campineiro no período de 1900 a 1937 durante minha pesquisa de mestrado, deparei-me com diferentes livros, destacando-se as obras de cunho religioso. Tais publicações podiam ser utilizadas nas aulas de religião e catecismo, consultadas na biblioteca, ou lidas durante os recreios e horas de estudo. A presença dos livros na vida do internato era constante, porém a composição do acervo bibliográfico da escola se mostrava seletiva.

As obras analisadas neste trabalho têm como tema a História Sagrada, selecionando e resumindo os textos bíblicos para o público escolar. O objetivo de resumir a Sagrada Escritura em pequenos textos para serem trabalhados em uma aula é audacioso e foi alcançado pelas duas obras de formas diferentes. O primeiro livro foi traduzido pelo Padre José Manoel da Conceição e intitula-se *História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*. O outro livro é de autoria do padre Charles-François Lhomond e intitula-se *Historiae Sacrae*, sendo um manual para o ensino do latim.

É curioso encontrar estes livros em um Colégio que se pretendia laico e que acabou incorporando matérias de ensino voltadas para a religião, além de uma infinidade de práticas religiosas que eram realizadas todos os dias. Nesta perspectiva, é necessário apresentar este espaço escolar em suas particularidades para se compreender a presença destas obras em sua biblioteca.

O Colégio Progresso Campineiro e sua biblioteca

O Colégio Progresso foi fundado em Campinas por um grupo de quatro cidadãos influentes, que se mostravam preocupados com a formação de suas filhas, sobrinhas e

afilhadas. Foram eles Orosimbo Maia, proprietário de terras e prefeito da cidade por três mandatos, Tenente Coronel Arthur Leite de Barros, Luis de Campos Salles, irmão mais novo do presidente Campos Salles, Tenente Coronel Antonio Álvaro de Souza Camargo e Doutor Joaquim Álvaro de Souza Camargo, que foi deputado estadual e federal.

Naquele período Campinas era uma cidade que se recuperava das epidemias de febre amarela que dizimaram um grande contingente da população no final do século XIX. O cultivo do café auxiliou no crescimento econômico da cidade, gerando recursos para intensificar a vida cultural e política. Foram criados periódicos e jornais, teatros e salas de cinema (NASCIMENTO et al., 1999, p. 35).

O colégio foi inaugurado em uma chácara e teve como primeira diretora Dona Anna von Maleszewska, professora austríaca formada pelas Universidades de Kiel, da Alemanha e Nancy, da França. Dona Anna permaneceu à frente da escola por dois anos, sendo substituída por Dona Emília de Paiva Meira, filha do conselheiro do império João Florentino Meira de Vasconcellos. Dona Emília permaneceu à frente do estabelecimento de ensino por 35 anos, dedicando sua vida a este projeto educacional, sem se casar e ter filhos.

Dona Emília de Paiva Meira tornou-se a diretora que modelou o projeto pedagógico do Colégio Progresso Campineiro e contribuiu para a sua consolidação na cidade. O currículo do colégio ganhou forma ao longo dos anos, incluindo aulas voltadas para a biologia, física e química, assim como línguas estrangeiras, como francês, inglês e latim. No que se referia ao ensino religioso, havia as matérias de história sagrada, catecismo e religião. A instituição ainda procurou adequar a grade curricular às exigências da legislação educacional, de forma a garantir um certificado reconhecido pelo Governo Federal para as alunas.

A presença de Dona Emília Meira - que se tornou proprietária da instituição em 1913, quando o grupo de fundadores se desfez - assegurou a circulação de religiosos e a realização de todas as práticas que compõem a vida do fiel católico. Estes religiosos apreciavam o trabalho da diretora, uma vez que formava as mulheres na fé católica, com a possibilidade de encontrar alunas com vocação religiosa.

Até mesmo o prédio da escola ganhou um espaço reservado para estes cultos: a capela de São Luiz Gonzaga. Depois de ser inaugurado na Chácara Guanabara, o Colégio Progresso passou por diferentes endereços até ser instalado em um edifício

próprio na Avenida Júlio de Mesquita em 1917. A capela do Colégio Progresso era ampla, com entradas na frente e na lateral, vitrais na lateral externa e altar de mármore, confessionário e sacristia. A diretora da escola zelava para que fossem celebrados os cultos com padres indicados pela Diocese de Campinas, atendendo aos preceitos da Santa Sé.

A delimitação de um espaço para o sagrado na arquitetura escolar e o estímulo às práticas religiosas indicam que existia uma preocupação com a formação moral e religiosa das alunas. A vivência religiosa na escola assegurava todas as práticas do fiel católico, com seus gestos e posturas. Além de buscar formar as alunas na fé católica, a religião se apresentava como um elemento moralizador, auxiliando as jovens seguirem pelo caminho do bem.

O Colégio Progresso, como instituição de formação feminina, apresentava uma grande preocupação com a seleção das obras a serem consultadas e lidas pelas alunas. A mulher, como ser mais frágil e sensível, corria maiores riscos se tivesse acesso às “más leituras”, como apontam Paiva (1997) e Heller (1997). No caso de um internato, o cuidado com as leituras precisava ser redobrado.

O acervo bibliográfico do Colégio Progresso era bastante vasto, como o comprova a *Monografia histórica do município de Campinas*, ao listar a Biblioteca Santo Tomás de Aquino entre as várias existentes na cidade (1952, p. 474). No período de publicação da *Monografia*, a biblioteca do colégio contava com um acervo composto de 2 746 volumes, reunidos ao longo de sua trajetória.

No acervo do colégio existe um relatório de inspeção de 1946, de mais de cem páginas encadernadas com informações sobre a estrutura do prédio, suas salas e materiais pedagógicos. Nele encontra-se a relação dos livros da biblioteca Santo Tomás de Aquino, divididas em obras para as alunas e para os professores e pessoal da administração. Os livros para os professores foram divididos nas seguintes categorias: português, francês, inglês, geografia, história, latim, alemão e grego, espanhol, italiano, matemática, cosmografia, geometria, sociologia, educação física, romances, contos e poesias, obras célebres, história da educação, psicologia, pedagogia, biologia e higiene, filosofia e trabalhos manuais. O acervo destinado às alunas possuía uma estrutura semelhante, contando ainda com dicionários, livros de ciências, física, química e história natural, de desenho, didática e revistas pedagógicas. As meninas ainda tinham

acesso a uma “Biblioteca recreativa”, com 528 livros franceses e 463 livros em português. Tratava-se, pois, de uma biblioteca bastante diversificada, procurando adequar-se ao público que atendia.

Entre as obras listadas na “Biblioteca recreativa” identificam-se alguns livros religiosos, ou escritos por religiosos, como a *Seleção cristã*, de João Victor e a *Nova Floresta*, do Padre Manoel Bernardes. Além disso, há algumas peças escritas por salesianos, como *Memórias do diabo*, *O milagre do amor* e *Deus tarda mas não falta*. Santos (2000, p. 334-335) identifica que o teatro desempenhava um papel importante nas congregações salesianas, como atividade recreativa e instrutiva para os alunos.

A relação apresentada no relatório de 1946 é a mais completa encontrada no acervo, mas existem registros anteriores à década de 1940 de alguns livros adquiridos pelo colégio. Um destes registros foi localizado no interior de um Livro de Notas e Faltas datado de 1908, com a caligrafia de Dona Emília de Paiva Meira. A lista traz o nome de diversas obras em francês, inclusive de publicações que tratam da própria França, sua história e seu povo, além de livros de literatura francesa para o público infantil e juvenil da *Bibliothèque Rose*, da *Bibliothèque des petits enfants* e da *Bibliothèque de l'Éducation*. Os livros destas coleções não foram discriminados e tampouco podem ser localizados na biblioteca, que se desfez de grande parte de seu acervo.

A *Bibliothèque Rose* e a *Bibliothèque des petits enfants* eram coleções de livros publicados pela editora Hachette a partir da segunda metade do século XIX e eram destinados aos públicos infantil e juvenil. Ambas as coleções traziam obras francesas e estrangeiras, todas selecionadas para o público ao qual se destinavam e traziam ilustrações como um diferencial. Estas coleções englobavam obras de cunho literário, em sua maioria romances, que procuravam ser uma alternativa de leitura adequada ao público infantil e juvenil.

No relatório de 1946, também foram listadas outras obras francesas, de cunho informativo e educativo, que podiam versar sobre a história da França e outros aspectos de sua geografia e sua cultura. As obras francesas compunham uma parcela significativa do acervo bibliográfico do Colégio Progresso Campineiro.

Além destas relações dos livros da biblioteca encontrou-se no acervo do Colégio Progresso um caderno bastante peculiar, intitulado *Lista de Livros*. Trata-se de uma

listagem de diferentes obras - brasileiras, portuguesas e francesas - registradas na caligrafia de Dona Emília Meira, seguidas de suas classificações, como apropriadas ou inapropriadas à leitura das alunas. Os títulos dos livros são registrados em tinta e em seguida é anotada uma observação a lápis, podendo ser “não presta”, “serve” ou até mesmo um “?”. Estas são as três classificações básicas para a maioria das obras e resumem a opinião da diretora quanto à qualidade dos livros destinados às alunas.

Dona Emília registrava “não presta” para a maioria dos livros de José de Alencar, mostrando-se em dúvida com relação às obras *O sertanejo* e *A guerra dos mascates*, colocando um “?” para ambas. Já com relação à obra *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, a diretora afirma ser “muito duvidoso”. Ela também indicava que haveria “insinuações imorais” em *A misteriosa*, de James Henry. Assim, Dona Emília, além de administrar a escola, também se mostrava uma censora eficiente e bastante categórica ao resumir, em pouquíssimas palavras, o “risco” que alguns romances poderiam representar para suas alunas.

A severidade se mostrava maior com as obras brasileiras, enquanto as obras francesas eram encomendadas de editoras consideradas confiáveis, como as da Bonne Presse, ou as da Frères Mignard, cujos títulos foram registrados no caderno de Dona Emília. A lista é extensa e a diretora registrou ainda uma observação da própria editora acerca dos livros que muito provavelmente eram fornecidos pela editora Frères Mignard em seu catálogo: “Estas obras se destinam a moças e rapazes. Entretanto nós acreditamos ser conveniente marcar com um asterisco aquelas que convém reservar aos jovens mais sérios” (*Lista de Livros*, sem data, tradução nossa).

A lista dos livros desta editora se estende por quatro páginas do caderno e alguns deles foram realmente marcados com um asterisco. O Colégio Progresso, como lugar de formação de meninas e moças, deveria zelar por esta formação em todos os espaços e de todas as formas, inclusive pela leitura. Neste sentido, Dona Emília Meira acreditava que a literatura ofereceria perigos e procurava reunir na biblioteca da escola apenas obras consideradas convenientes às alunas.

Este breve panorama do acervo bibliográfico do Colégio Progresso mostra a diversidade e a riqueza das obras ali reunidas. Todas as publicações foram devidamente analisadas e escolhidas para serem adequadas às alunas, havendo um verdadeiro

trabalho de censura iniciado por Dona Emília Meira e continuado por suas sucessoras, chegando a um acervo imponente na década de 1950.

Além dos livros destinados à recreação, havia ainda as obras que eram destinadas aos estudos e à sala de aula. Devido à forte influência da religião católica no interior da escola, não poderiam faltar obras dedicadas à religião. No interior das obras também é possível identificar uma seleção criteriosa dos temas bíblicos tratados, como se observará na análise dos livros que abordam a história sagrada. Além de atender às finalidades pedagógicas, as obras precisavam estimular os seus leitores à fé cristã. Estes aspectos serão apresentados ao longo das próximas páginas.

O texto sagrado no contexto escolar

As obras aqui analisadas tratam da história sagrada, porém englobando períodos e perspectivas diferentes. O primeiro deles foi traduzido pelo Padre José Manoel da Conceição e intitula-se *História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*. O outro livro é um manual para o ensino do latim elaborado pelo padre Charles-François Lhomond, intitulando-se *Historiae Sacrae*.

O primeiro livro pertencia do acervo da biblioteca Santo Tomás de Aquino e provavelmente foi uma de suas obras mais antigas, pois a edição é de 1890, sendo uma quarta edição “cuidadosamente revista e melhorada”. Esta obra teria sido traduzida de um livro em alemão que na época estava em sua centésima edição jubilada. Até o momento não foi possível identificar a obra original, posto que no próprio livro não há referência quanto ao título original e o nome de seu autor.

A *História Sagrada do Antigo e Novo Testamento* foi publicada pela primeira vez em 1856 pela Editora Laemmert sem autorização da Igreja católica, o que valeu ao padre a fama de “protestante”¹. A própria editora era conhecida por publicar obras de autores protestantes no país.

¹ A vida deste religioso se mostrou bastante conturbada e seus questionamentos à Igreja são comparados aos de Lutero. Após dedicar-se vinte anos à Igreja católica, em meio a muitas dúvidas e controvérsias, o Padre José Manoel da Conceição acabou por converter-se ao protestantismo em 1864, religião pela qual demonstrava apreço e inclinação desde os tempos de juventude (LÉONARD, 1963). O religioso é lembrado como um dos primeiros pastores protestantes do Brasil e por sua dedicação à obra em suas missões por diversas cidades do interior de São Paulo e no Rio de Janeiro.

O livro possui 118 ilustrações cuja autoria é desconhecida. Trata-se de imagens que parecem ser litografias e que ilustram algumas passagens dos textos bíblicos. O recurso da imagem procuraria tornar o livro mais atraente, principalmente para os “jovens leitores”, aos quais o Padre Conceição se referia.

Com esta obra o tradutor queria fazer um bem por sua pátria, oferecendo-a principalmente à juventude. O Padre Conceição esclarece, no prefácio, que procurou realizar uma tradução fiel do original, o que poderia, por vezes, prejudicar o estilo, mas que serviria de auxílio no ensino do alemão pela obra original. O religioso imaginava o uso simultâneo das duas obras, ressaltando a importância do aprendizado desta língua à sua época. Neste aspecto, o religioso tinha em mente a finalidade pedagógica de sua obra, como auxílio no ensino de uma língua estrangeira e como uma obra de cunho moral, pela qual apresentaria os textos sagrados aos jovens. No final do livro há inclusive as referências aos textos bíblicos utilizados em cada capítulo.

A presença de uma obra publicada sem a autorização da Igreja católica no Colégio Progresso Campineiro, que possuía uma forte inclinação católica, reforça a hipótese de que o livro foi utilizado por Dona Emília quando estudara no Colégio Progresso do Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX. Este estabelecimento era dirigido pela norte-americana *Miss* Eleonor Hentz, que era protestante. O livro de história sagrada adotado por esta escola poderia, pois, ser de um padre que se tornou pastor protestante. A diretora levou muitos de seus pertences para o colégio em Campinas, que permanecem guardados até hoje.

A *História Sagrada* de José Manoel da Conceição compunha o acervo bibliográfico do Colégio Progresso e não há registros que indiquem o uso desta obra nas aulas de história sagrada. Sabe-se que o livro pertencia ao acervo da biblioteca pelos resquícios da etiqueta com o código de identificação na lombada. Como este material pertencia à biblioteca da escola, ele também pode ter sido apenas disponibilizado para consultas.

O outro livro, *Historiae Sacrae*, de Charles-François Lhomond teve sua primeira edição em 1784². Lhomond foi um padre francês nascido em 1727, o qual,

² Este livro não foi encontrado no acervo do Colégio Progresso, porém na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp existem duas versões desta obra, sendo uma a original em francês, de 1910, publicada pela editora Hachette e a outra é a versão brasileira, publicada pela editora Francisco Alves (sem data).

paralelamente aos estudos teológicos, dedicou-se à profissão docente, lecionando para as turmas do colégio do Cardeal Lemoine, no Quartier Latin. Seu trabalho docente o levou a estudar sua língua materna e línguas estrangeiras, redigindo obras de cunho educacional, como *Éléments de la langue française* e *Éléments de la grammaire latine*. Em latim, sua outra obra, além da de história sagrada, é a *De Viris illustribus urbis Romae*.

O livro *Historiae Sacrae* se destinava, pois, ao aprendizado do latim, tendo a história sagrada como tema para as lições. Na introdução da obra francesa Lhomond explica as mudanças que realizou para facilitar a aprendizagem da língua: frases mais curtas, que se tornam mais longas à medida que o aluno avança no estudo da obra, a inversão da ordem das frases semelhante à língua francesa, que depois é gradativamente colocada da forma usual na língua latina e um resumo em francês do trecho a ser estudado para que o aluno saiba do que será tratado (LHOMOND, 1910, p.III).

Com relação ao tema do livro, ou seja, a história sagrada, Lhomond acreditava ser bastante adequado, tanto por prender a atenção dos alunos com feitos interessantes, quanto por “esclarecer seu espírito pela instrução que ela contém” e “formar seus corações para os exemplos que ela oferece” (ibidem, p. IV). O autor acreditava, pois, que a história sagrada traria exemplos edificantes à juventude, auxiliando na sua formação moral juntamente com seu aperfeiçoamento intelectual pelo aprendizado do latim.

No Colégio Progresso, o livro de Lhomond foi adotado em 1931, pelo que indica um caderno de capa dura contendo a relação dos livros adotados em todas as matérias entre os anos de 1931 a 1939. Naquele período, a professora de latim era Mercedes Barbosa, contratada em 1928. As intenções de Lhomond no sentido de conciliar a formação moral com a intelectual foram consideradas quando da adoção da obra *Historiae Sacrae*.

As duas obras trazem, pois, como tema central, a história sagrada, porém com abordagens e finalidades diferentes. Enquanto a *História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento* do Padre Conceição aborda, como o título indica, os dois testamentos que compõem a Bíblia, o livro *Historiae Sacrae* limita-se às histórias do antigo testamento. Neste sentido, esta última obra contempla um número maior de histórias e tem

condições de elaborar mais algumas passagens, enquanto a primeira seleciona algumas passagens mais significativas relatadas de forma breve.

Vale destacar que a história sagrada como matéria de ensino e como material para o ensino possuía o mesmo valor da história universal. As obras aqui analisadas colocam os fatos da história sagrada como verídicos e tão importantes quanto os da história profana. Bittencourt (1993) traça um paralelo entre a história sagrada e a história da civilização, identificando como esta última se apoderou de alguns aspectos do discurso no plano sagrado para construir a imagem da civilização brasileira, com seus heróis e grandes feitos, o que acontece também na história sagrada. Contudo, a autora afirma que esta última não tinha a intenção de informar ou de trazer algo novo aos alunos, mas simplesmente auxiliá-los a rememorar as passagens bíblicas e aperfeiçoarem-se moralmente (ibidem, p. 202).

Em ambos os livros os autores pareciam ter a preocupação com a utilização dos textos em aula. Os trechos escolhidos da Bíblia são relatados em textos relativamente curtos, sendo que na obra do Padre Conceição dificilmente passam das quatro páginas, enquanto no livro de Lhomond geralmente ocupam meia folha. Os textos curtos poderiam ser trabalhados em uma aula, com o conteúdo iniciado e concluído no mesmo dia.

Apesar dos textos curtos, sua segmentação se dá de forma diferente nas duas obras. Na *História Sagrada*, as histórias são contadas com todo o desenrolar da ação em apenas um texto, havendo uma continuação para narrativas mais longas, como as trajetórias de José e Moisés e os milagres de Jesus, por exemplo. No livro *Historiae Sacrae*, por sua vez, os textos são relativamente curtos, podendo as narrativas ser divididas em várias partes. Observa-se que por vezes a ação é interrompida na narrativa para ser retomada no trecho seguinte.

Este tipo de interrupção fica evidente no trecho em que Tobit, um homem muito piedoso e temente a Deus, aconselha seu filho Tobias (Tb, 4), ao sentir que a morte se aproximava. O conselho é dividido em dois trechos, nos quais o pai diz ao filho como se portar perante Deus e as pessoas. Nota-se, nesta passagem, que o autor parece oferecer este conselho também aos seus jovens alunos, pois ressalta a importância de obedecer a Deus e de como se deve ser honesto e generoso quando possível, evitando ser orgulhoso e almejando nunca pecar.

As histórias bíblicas selecionadas pelos dois livros são similares em alguns aspectos, mas diferenciam-se pelo fato do livro de latim se restringir ao Antigo Testamento, o que gerou uma seleção diferente das histórias. O Pentateuco é o conjunto de livros bíblicos que possui a abordagem mais completa, pois quase todos os fatos principais são narrados nos dois livros. Desta forma, ambas as obras iniciam suas narrativas com a criação do mundo, do homem e da mulher e sua desobediência a Deus, o que acarretou sua expulsão do paraíso. Também são narradas as histórias dos homens escolhidos por Deus para grandes missões, dos quais descenderiam os outros povos, como Noé, Abraão e Moisés. Com todos estes homens Deus selou sua aliança, prometendo que deles descenderiam inúmeros povos, na esperança de dar continuidade à crença em um único deus, o que requereria obediência e virtude.

O Pentateuco é encerrado em ambas as obras com o êxodo de Moisés e o povo escolhido por Deus rumo à terra prometida. Neste momento são decretadas as regras para a vida nesta nova etapa da trajetória do povo judeu. O livro de Lhomond se limita em enumerar os dez mandamentos, porém a obra traduzida pelo Padre Conceição dedica dois capítulos à legislação, diferenciando as leis civis das eclesiásticas.

Após a conquista da terra prometida e a morte de Moisés, os dois livros selecionam diferentes episódios dos Livros Históricos da Bíblia. Ambos os livros relatam como Josué sucedeu Moisés à frente do povo judeu e como David conseguiu tornar-se o rei deste povo após derrotar Golias. A sucessão de David por Salomão também é narrada nas duas obras, porém, na *História Sagrada*, os conflitos entre os judeus e outros povos e a sucessão de seus reis é contada de forma breve.

Em *Historiae Sacrae*, são enfatizados os conflitos entre os judeus e os outros povos e como muitos reis se mostraram mais ou menos piedosos e crentes em Deus, sendo recompensados ou punidos com mortes dolorosas. Na obra de Lhomond a ênfase é dada aos conflitos vividos pelo povo escolhido e ao fato de Herodes tornar-se o rei da Judeia sem ser judeu. Por fim, o nascimento de Jesus Cristo é narrado em uma única linha.

Na obra do Padre Conceição, por sua vez, o final do Antigo Testamento apresenta trechos dos livros proféticos, narrando brevemente a vida de alguns profetas, como Elias e Jonas. Enquanto na obra traduzida pelo Padre Conceição os profetas ocupam capítulos significativos, a obra de Lhomond não contempla estas figuras

bíblicas. Tal ausência chama a atenção, pois o autor limita sua obra ao Antigo Testamento e prefere dedicar vários capítulos às lutas e conflitos vividos pelo povo judeu do que narrar a vida destes homens que recebem uma mensagem e uma missão de Deus, o que os coloca em uma posição delicada perante a comunidade. Segundo Armstrong (2008, p. 61), “os profetas não ansiavam por proclamar a mensagem divina e relutavam em assumir uma missão que implicava tensão e angústia”. A experiência vivida pelo profeta se mostra deveras assustadora e seu papel perante a comunidade muda devido ao seu contato inesperado com Deus.

Com exceção de Moisés, em *Historiae Sacrae* não são citados os profetas que anunciavam a chegada do Messias que salvaria o povo judeu. Provavelmente o autor tenha preferido enumerar feitos heróicos e momentos de lutas a apresentar indivíduos frágeis que se mostram confusos diante de sua missão, que muitas vezes era ridicularizada pelos seus pares.

No que se refere ao Novo Testamento, apenas a *História Sagrada* do Padre Conceição o contempla. Este Testamento é contado em 52 capítulos, como o anterior, e para esta parte foram selecionadas os momentos que contam o nascimento e a vida de Jesus, sem esquecer de sua infância, para aproximá-lo aos leitores. A história de Jesus é contada em seus principais fatos, citando alguns dos milagres que ele produziu, além de narrar várias de suas parábolas, como a do “Homem rico e Lázaro”. A delação e a crucificação de Jesus são contadas em detalhes, assim como sua ressurreição e suas aparições a São Thomé e aos apóstolos. Os dois últimos capítulos encerram a história sagrada com a viagem de São Paulo a Roma e a propagação do Evangelho pelos Apóstolos. Contudo, pelas condições de conservação da obra, muitas de suas páginas se soltaram.

Pela análise do sumário é possível identificar que seis capítulos do Novo Testamento foram perdidos, os quais relatariam a vida de São Paulo e São Pedro após a ascensão de Jesus. Os evangelhos mais utilizados para estes capítulos do Novo Testamento são os de São Lucas e São Matheus, pelo que se observa das referências ao final do livro. Segundo a *Bíblia de Jerusalém* (1996, p. 1834), o evangelho de São Matheus constrói uma narrativa mais estruturada, que enfatiza as diversas fases da vida de Jesus. O evangelho de São Lucas, por sua vez, seria o melhor redigido, mas omite informações, que supostamente seriam narradas pelos outros apóstolos (ibidem). Sem

negar a importância de Jesus como filho de Deus e sua missão na terra, o livro *História Sagrada* procurou destacar elementos da vida de Cristo entre os homens e sua sabedoria ao contar parábolas e histórias, além de seu caráter sagrado ao realizar milagres e ao ressuscitar após sua morte.

As histórias escolhidas da Bíblia para as duas obras caracterizam-se por gêneros literários específicos, como a novela e a saga de uma tribo, de um herói e de um lugar (SILVA, 2000, p.189 -193). A novela caracteriza-se por uma história pessoal que é significativa para seu povo, como a história de José, filho de Isaac, que foi vendido aos egípcios e muito tempo depois pôde rever sua família. A saga, por sua vez, narra fatos extraordinários de um indivíduo, um povo, ou um lugar, e que nos livros aqui analisados são as histórias de Noé e de Davi. No livro do Padre Conceição, a saga de um lugar está presente no capítulo dedicado à torre de Babel e a Sodoma e Gomorra, de onde surge o Mar Morto, as quais não aparecem em *Historiae Sacrae*.

As duas obras procuram, pois, relatar momentos de ação e dignos de serem imitados pelos jovens leitores. Nos dois livros analisados não há espaço para poesias e cânticos, sendo ressaltadas as histórias de diversos indivíduos que foram escolhidos por Deus para grandes missões ou a Ele obedeciam, sendo recompensados por isso. As ações que se mostravam contrárias aos preceitos divinos eram duramente castigadas. Temas que girem em torno da sedução, abuso sexual e promiscuidade são evitados ou atenuados nas duas obras.

Ambas publicações enfatizam a tensão constante entre Deus e a humanidade, mostrando a desobediência dos homens perante Deus e os castigos nos quais incorrem por seu comportamento. As alianças com o deus único são realizadas no sentido de assegurar a crença dos homens, que nem sempre é respeitada. Este desvio do caminho leva à punição, mensagem esta que os jovens leitores e alunos deveriam interiorizar. Neste sentido, os dois livros, ao contarem os eventos da história sagrada, procuram destacar a crença em Deus e a necessidade de obedecer a Ele para não sofrer castigos e aflições, como acontece com os personagens descritos.

As obras do Padre Conceição e de Lhomond procuram, pois, levar aos seus jovens leitores às histórias que foram contadas nos livros bíblicos, porém de forma mais sucinta e, em alguns aspectos, atenuada. Os seus autores esperavam que estas histórias se mostrassem atraentes às crianças, que deveriam compreender também seus

ensinamentos, no sentido de fortalecer sua fé em Deus e de se portarem bem para não serem castigadas.

Refletindo e dialogando

A instituição escolar se mostra bastante seletiva com relação às obras literárias e didáticas até os nossos dias. Tal característica se deve à finalidade maior da escola em formar o sujeito para a vida em sociedade. No caso do Colégio Progresso Campineiro em suas primeiras décadas de existência, o projeto consistia em formar as mulheres para a vida em sociedade junto ao marido e para o âmbito privado, nos seus papéis de dona de casa e mãe.

O objetivo pedagógico da escola leva-a a ser bastante criteriosa na escolha dos livros destinados aos alunos e alunas, tendo em mente o poder formador que o livro possui sobre seu leitor. Obras de caráter duvidoso poderiam orientar o leitor a uma conduta indesejada. Por este motivo, tornava-se necessário garantir publicações consideradas de boa qualidade, que fornecessem bons exemplos e ensinamentos aos seus leitores.

No acervo bibliográfico do Colégio Progresso nota-se uma preocupação, por parte da diretora, em reunir obras que fossem adequadas às alunas. A biblioteca da escola possuía diversas publicações de caráter recreativo, nas quais emerge a tônica religiosa. As leituras das alunas eram bastante controladas, de modo que lhes eram oferecidos muitos textos com ensinamentos de cunho moralizante.

A biblioteca Santos Tomás de Aquino acumulou uma grande quantidade de livros voltados para a juventude, sendo a maior parte de origem francesa. Dentre os livros destacam-se as coleções da *Bibliothèque Rose* e os livros da Editora Frères Mignard, que foram adquiridos nas primeiras duas décadas de funcionamento do Colégio Progresso.

No acervo histórico da escola não existem registros que apontem para o uso de manuais escolares nas aulas de religião, mas há o registro do uso do livro *Historiae Sacrae*, de Charles-François Lhomond, nas aulas de latim. Também foi encontrado no acervo o livro *História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*, traduzido pelo Padre

José Manoel da Conceição, que data de 1890. Este livro fazia parte do acervo da biblioteca da escola e pode ter sido utilizado em sala de aula.

As duas obras fazem recortes dos textos bíblicos, selecionando as passagens que seriam mais interessantes para orientar o estudante/ leitor. É possível notar que em ambos os livros são recontadas as histórias que selam a aliança entre o ser humano e o deus único, havendo consequências graves para quem transgredisse as regras.

A formação religiosa no Colégio Progresso Campineiro era assegurada diversas atividades realizadas na capela, pelas aulas voltadas para a religião, assim como pelas leituras das obras oferecidas pela biblioteca. A religiosidade impregnava todas as atividades na rotina do internato, estimulando as alunas a uma postura virtuosa e obediente.

O olhar sobre o passado acerca da literatura no contexto escolar auxilia na reflexão sobre a temática no presente, em que práticas de censura ameaçam privar os leitores de publicações que poderiam ser contextualizadas e discutidas. Espera-se com este trabalho contribuir para este diálogo e buscar novas possibilidades para as obras literárias e didáticas na escola.

Documentos bibliográficos

CONCEIÇÃO, José Manoel da. **Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento**, Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1890;

LHOMOND, Charles-François. **Epitome Historiae Sacrae**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, sem data *;

LHOMOND, Charles-François. **Epitome Historiae Sacrae**, Paris: Libraire Hachette, 1910 *;

Bibliografia consultada

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008;

A BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 1996;

BITTENCOURT, Águeda Bernadette. - "Educação escolar: Um Compromisso da Família com a Igreja" in: ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice

- (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**, Petrópolis: Vozes, 2002;
- BITTENCOURT, Circe Maria F. “Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana”, **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Editora Marco Zero/ ANPUH, v. 13, nº 25/26, set. 92/ ago. 93, p. 193 - 221;
- CORRÊA, Priscila Kaufmann. **O ensino religioso no Colégio Progresso Campineiro: entre prescrições e práticas (1900 - 1937)**,(mestrado), Unicamp, 2010;
- HELLER, Barbara. **Em Busca de novos Papéis: Imagens da Mulher leitora no Brasil (1890-1920)**, (doutorado), Unicamp, 1997;
- IBGE. **Monografia histórica do município de Campinas**, 1952;
- LÉONARD, Émile-G. **O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social**, tradução do manuscrito original em francês por Linneu de Camargo Schützer, São Paulo: ASTE, 1963, pp.56-67;
- NASCIMENTO, Therezinha A. Q. R. (et al.) **Memórias da Educação:Campinas (1850 - 1960)**, Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1999;
- PAIVA, Aparecida. **A voz do veto: censura católica à leitura de romances**, Belo Horizonte: Autêntica, 1997;
- SANTOS, Manuel I. P. dos. **Luz e Sombras: Internatos no Brasil**, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2000;
- SILVA, Cássio Murilo D. da. **Metodologia de exegese bíblica**, São Paulo: Paulinas, 2000;
- UHLE, Águeda. Bernadette. B. "Orosimbo Maia: Cultura e Política no Final do Século XIX" in **Pró-Posições**, vol. 9 nº 1 [25], Campinas, março de 1998;
- VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard.; THIN, Daniel. “Sobre a história e a teoria da forma escolar”. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.